



BM&F BOVESPA: VALE3, VALE5
NYSE: VALE, VALE.P
EURONEXT PARIS: VALE3, VALE5
HKEx: 6210, 6230
LATIBEX: XVALO, XVALP

CONTINUANDO A CRIAR VALOR

Desempenho da Vale no 3T11

Rio de Janeiro, 26 de outubro de 2011 – Vale S.A. (Vale) anuncia outro trimestre de resultados recordes, refletindo excelente desempenho operacional e financeiro. A produção de minério de ferro, pelotas, cobre e carvão térmico¹ alcançou recordes históricos, assim como a receita operacional, o lucro operacional e a geração de caixa.

A geração de caixa, fundamental para a criação de valor, atingiu marca recorde de R\$ 16,1 bilhões no trimestre e R\$ 61,1 bilhões nos últimos 12 meses, ao passo que o lucro contábil sofreu impacto não caixa de R\$ 4,1 bilhões associado à desvalorização do real, nossa moeda funcional, em relação ao dólar americano². Apesar da magnitude desse efeito não caixa, o lucro líquido atingiu R\$ 7,9 bilhões, o que se constitui em resultado bastante robusto.

Em meio a um ambiente de alta volatilidade dos preços dos ativos financeiros, que tem penalizado os acionistas, uma vez que uma recessão global foi precificada em nossas ações, a Vale continua criando valor. A geração de valor é fruto do crescimento de receita e da obtenção de altos retornos sobre o capital investido a taxas bem acima do custo de capital.

Novas plataformas de criação de valor foram entregues ao longo dos últimos trimestres: Bayóvar, Tres Valles, Onça Puma, Omã, Moatize I, Estreito e Karebbe. Como estes projetos estão em fase de início de produção e/ou em processo de *ramp-up*, o efeito pleno de sua operação sobre a receita e do fluxo de caixa só se materializará no futuro.

Na busca da melhoria contínua da alocação de capital, temos desenvolvido várias iniciativas com vistas ao aprimoramento do desenvolvimento de projetos no sentido de viabilizar a maximização de seus retornos para os acionistas, compreendendo desde o licenciamento ambiental até a transição para a fase operacional.

Ao mesmo tempo, passamos a adotar uma postura mais voltada para o retorno do excesso de caixa aos acionistas.

A remuneração aos acionistas em 2011 alcançará US\$ 9,0 bilhões, uma cifra recorde, igual a três vezes o que foi pago no ano passado, o que implica em elevado *dividend yield*, recompensando, assim, os investidores que tem sofrido os efeitos de um fraco desempenho dos mercados de ações.

¹ Ver o relatório de produção do 3T11, “Sólido Desempenho”, www.vale.com/investidores/press_releases/2011

² Para maiores esclarecimentos sobre os efeitos da depreciação do real contra o dólar americano, favor consultar a seção “Efeitos da volatilidade do câmbio no desempenho financeiro da Vale”, na página 13, neste relatório.

www.vale.com
rio@vale.com

Departamento de Relações com Investidores

Roberto Castello Branco
Viktor Moszkowicz
Carla Albano Miller
Andrea Gutman
Christian Perlingiere
Fernando Frey
Marcio Loures Penna
Samantha Pons
Thomaz Freire

Simultaneamente ao retorno de caixa via dividendos/juros sobre capital próprio, está em curso um programa de recompra de ações de até US\$ 3,0 bilhões até 25 de novembro de 2011, dos quais US\$ 2,0 bilhões foram executados ano 3T11.

Apesar do pessimismo sobre a macroeconomia nos mercados financeiros, permanecemos confiantes nos fundamentos de longo prazo dos mercados globais de minerais e metais e em nossa capacidade de continuar a gerar valor através dos ciclos de negócios.

Os principais destaques do desempenho da Vale no 3T11 foram:

- Receita operacional recorde de R\$ 28,6 bilhões no 3T11, 6,2% maior do que o recorde anterior de R\$ 27,0 bilhões no 4T10.
- Lucro operacional, medido pelo EBIT (lucro antes de juros e impostos), de R\$ 14,4 bilhões, 9,7% maior do que os R\$ 13,2 bilhões no 2T11.
- A margem EBIT alcançou 51,6%, em linha com os 52,5% no trimestre anterior.
- Lucro líquido de R\$ 7,893 bilhões, equivalente a R\$ 1,49 por ação, 23,2% abaixo do 2T11.
- Geração de caixa recorde, medida pelo EBITDA (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) de R\$ 16,1 bilhões, 1,2% acima dos R\$ 15,9 bilhões no último recorde no 3T10. O EBITDA dos últimos doze meses findos no dia 30 de setembro de 2011 também atingiu um valor recorde de R\$ 61,1 bilhões.
- Vendas de *bulk materials* recorde – minério de ferro, pelotas, manganês, ferro ligas, carvão metalúrgico e térmico – de R\$ 21,6 bilhões no 3T11, 7,0% maior que o recorde anterior no 3T10.
- Investimentos atingiram US\$ 4,5 bilhões, sendo US\$ 3,5 bilhões gastos com desenvolvimento de projetos e pesquisa e desenvolvimento (P&D).
- Investimentos em responsabilidade social corporativa de US\$ 373 milhões no 3T11, totalizando US\$ 894 milhões nos primeiros nove meses de 2011.
- Remuneração ao acionista de R\$ 5,3 bilhões, equivalente a R\$ 1,0236 por ação, a ser paga no dia 31 de outubro de 2011, totalizando um recorde histórico de R\$ 15,0 bilhões neste ano, equivalente a R\$ 2,8853 por ação.
- Retorno de caixa ao acionista via recompra de ações no valor de US\$ 2,0 bilhões até 30 de setembro de 2011.
- Posição de caixa de US\$ 7,565 bilhões, o que dá suporte a um balanço extremamente saudável, com baixa alavancagem, medida pela relação dívida total / LTM EBITDA ajustado, igual a 0,63x e prazo médio da dívida de 10,1 anos.

INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS

<i>R\$ milhões</i>	3T10	2T11	3T11	%	%
	(A)	(B)	(C)	(C/A)	(C/B)
Receita operacional	26.376	25.614	28.629	8,5	11,8
EBIT	14.615	13.165	14.444	(1,2)	9,7
Margem EBIT (%)	56,9	52,5	51,6		
EBITDA	15.923	14.802	16.110	1,2	8,8
Lucro líquido	10.554	10.275	7.893	(25,2)	(23,2)
Lucro líquido por ação (R\$)	1,97	1,94	1,49	(24,4)	(23,2)
Exportações (US\$ milhões)	9.791	9.623	10.700	9,3	11,2
Exportações líquidas (US\$ milhões)	9.356	9.297	10.400	11,2	11,9

<i>R\$ milhões</i>	9M10	9M11	%
	(A)	(B)	(B/A)
Receita operacional	58.387	77.816	33,3
EBIT	27.648	39.035 ¹	41,2
Margem EBIT (%)	48,7	51,3 ¹	
EBITDA	31.742	43.937 ¹	38,4
Lucro líquido	20.068	29.459	46,8
Lucro líquido por ação (R\$)	3,76	5,55	47,6
Exportações (US\$ milhões)	20.086	28.134	40,1
Exportações líquidas (US\$ milhões)	19.232	26.782	39,3

¹Excluindo o ganho não-recorrente originado da transferência dos ativos de alumínio no 1T11.

As demonstrações contábeis consolidadas intermediária da Companhia foram elaboradas tomando como base os padrões internacionais de contabilidade emitidos pelo International Accounting Standards Board – (IASB) e interpretações emitidas pelo International Financial Reporting Interpretations Committee – (IFRIC), implantados no Brasil através do Comitê de Pronunciamentos Contábeis – CPC e suas interpretações técnicas – ICPCs e orientações – OCPCs, aprovados pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM). A Companhia adotou a partir de 1º de janeiro de 2010, retroativamente a 1 de janeiro de 2009, para fins de comparação, todos os pronunciamentos emitidos pelo CPC e aprovados pela CVM. De acordo com os critérios mencionados acima, são consolidadas as empresas nas quais a Vale tem controle efetivo ou controle compartilhado definido por acordo de acionistas. No caso das empresas onde a Vale possui controle efetivo, a consolidação é feita em base 100% e a diferença entre este valor e o percentual da participação da Vale no capital da controlada é descontado através da linha de participações minoritárias. As principais empresas controladas da Vale são: Companhia Mienera Misky Mayo S.A.C, Ferrovia Centro-Atlântica S.A, Ferrovia Norte Sul S.A, Mineração Corumbaense Reunida S.A, PT International Nickel Indonesia Tbk, Vale Australia Pty Ltd., Vale Colombia Ltd, Vale Fertilizantes S.A (anteriormente Fosfertil), Vale Canada Limited (anteriormente Vale Inco), Vale International S.A, Vale Manganês S.A., Vale Manganèse France, Vale Manganèse Norway e Vale Nouvelle-Caledonie SAS. No caso das empresas onde o controle é compartilhado, a consolidação é proporcional à participação que a Vale possui no capital de cada empresa. As principais empresas onde a Vale detém controle compartilhado são California Steel Industries, Inc., Hispanobras, MRS Logística S.A e Samarco Mineração S.A.

▼ PERSPECTIVAS DOS NEGÓCIOS

O desempenho da economia global melhorou no último trimestre, crescendo acima do esperado à medida que os efeitos de choques negativos, como o terremoto no Japão e o choque de preços de alimentos e petróleo, se dissiparam. Entretanto, o PIB global deve ter se expandido a um ritmo inferior à sua tendência de longo prazo.

Após forte desaceleração desde março, a produção industrial global se reacelerou e, de acordo com os últimos dados disponíveis referentes a agosto, atingiu ritmo de 5% ao ano, principalmente por causa do bom desempenho da China, EUA e Japão. No entanto, dados os baixos níveis de encomendas relativamente a estoques, é provável que a expansão da produção industrial se arrefeça ao longo dos próximos meses.

Até agora, apesar do forte aumento da volatilidade de preços de ativos financeiros e das perdas de riqueza causadas pela crise da dívida soberana da Zona do Euro, não há retroalimentação significativa da turbulência financeira na economia real. Observando-se as duas maiores economias do mundo, os EUA e a China³, não há sinais de que caminhem em direção à uma recessão. Os últimos dados para ambos os países são animadores, com produção industrial e vendas no varejo crescendo continuamente.

A nosso ver, o risco de os países desenvolvidos apresentarem lento crescimento por um longo período, juntamente com estagnação em algumas economias, é maior do que o risco de o mundo entrar em recessão.

Recuperações de recessões caracterizam-se normalmente por taxas de crescimento acima da tendência de longo prazo, que posteriormente se desaceleram e convergem para um ritmo sustentável ao longo do tempo. Contudo, a recuperação dos EUA e da Zona do Euro da Grande Recessão de 2008/2009 tem se processado a taxas inferiores à da tendência de longo prazo, apesar dos fortes aumentos de gastos públicos para estimular a atividade econômica e recapitalizar bancos. Sem ter tido sucesso em promover o crescimento econômico, os gastos governamentais deixaram como subprodutos

grandes déficits públicos e crescentes níveis de dívida em relação ao PIB. O desequilíbrio fiscal levantou dúvidas a respeito da sustentabilidade da dívida, questão que tem se constituído na fonte primária da turbulência financeira deste ano.

A flexibilidade dos mercados tem sido uma das principais características da economia americana e um dos fatores mais importantes subjacentes ao seu vigor e crescimento de longo prazo. Apesar de as companhias componentes do índice S&P 500 estarem a caminho de alcançar o oitavo trimestre consecutivo de aumento de lucros, as incertezas criadas pelo alto endividamento público e a falta de determinação política para limitá-lo, somadas a incertezas regulatórias e a uma taxa de desemprego em níveis historicamente elevados, têm contribuído para diminuir a velocidade da recuperação atual, com o produto real americano se sutando a um nível estimado em 10% inferior à sua tendência de longo prazo, o que constitui o maior desvio desde os anos 1930.

Enquanto os EUA enfrentam o risco de um período prolongado de crescimento lento, a Zona do Euro parece estar deslizando rumo à recessão. A região está sofrendo um choque de confiança, amplificado por um sistema bancário ainda vulnerável. Apesar de os bancos terem acesso ilimitado a financiamento pelo BCE, o aumento nas tensões relativas a financiamento tem implicado maiores taxas de empréstimos a clientes de varejo, padrões mais restritivos de crédito e movimentos, por vários bancos, de redução de alavancagem de seus balanços. Tais fatores estão exercendo provavelmente pressões recessivas sobre a economia ao longo dos próximos meses.

Ao mesmo tempo, o setor privado europeu apresenta melhor posição financeira do que no início de 2008, além de níveis inferiores de gastos em bens duráveis e de acumulação de estoques, o que contribui para aliviar os efeitos das pressões recessivas.

A difícil situação financeira de algumas economias periféricas da Europa, tais como a Grécia, não implica necessariamente que um *default* de dívida seja inevitável. Além dos altos custos relacionados a um *default*, o FMI documentou 18 episódios de ajustes fiscais

³ Os EUA e a China representam 34% do PIB global medido com base na paridade do poder de compra.

maiores do que 6% do PIB nos últimos 20 anos em países desenvolvidos⁴.

A volatilidade dos mercados financeiros tem desafiado as autoridades européias a encontrar uma resposta política crível e abrangente para garantir a sustentabilidade da dívida, limitar o contágio e fortalecer o sistema bancário. No entanto, mesmo se esta resposta for capaz de produzir uma redução significativa nas preocupações dos mercados financeiros, não impedirá uma recessão no curto prazo.

De fato, as economias européias estão implementando ajustes fiscais, o que no curto prazo reforça as pressões recessivas. No caso de serem conduzidos através de cortes de despesas e privatizações, juntamente com reformas trabalhistas que garantam mais flexibilidade e meritocracia às relações de trabalho, terão melhores chances de obter sucesso.

A experiência passada de grandes ajustes fiscais em economias desenvolvidas mais focados em uma mistura de cortes de despesas governamentais e reformas nos revela que a credibilidade tende a melhorar rapidamente. Isso significa retorno mais rápido aos mercados financeiros, menores taxas de juros e incentivos ao investimento do setor privado. A redução nas pressões de demanda por mão-de-obra por parte de entidades governamentais tende a reduzir salários reais, o que, juntamente com o crescimento de produtividade, é fator essencial para o aumento de competitividade em algumas economias da Zona do Euro.

Entretanto, parece que altas de alíquotas de impostos existentes e/ou criação de novos impostos estão no cerne dos programas de ajuste fiscal adotados por alguns países europeus. Isso torna a situação mais difícil, prolongando recessões e reduzindo taxas de crescimento potencial de longo prazo, gerando assim riscos de estagnação.

A estagnação da economia italiana nos últimos dez anos, quando o PIB per capita teve taxas negativas de crescimento, constitui-se em evidência clara de que rigidez no mercado de trabalho, excesso de regulação e alta carga

tributária são prejudiciais ao crescimento econômico.

Apesar de a globalização sugerir maior sincronização nos ciclos econômicos internacionais, não há evidência empírica que embase esta hipótese. Tem ocorrido leve redução na sincronização dos ciclos econômicos internacionais, enquanto que a sincronia dentro dos grupos de países desenvolvidos e emergentes tem se tornado maior com a globalização.

Tal fenômeno dá suporte à hipótese de *decoupling*, uma vez que sugere que os ciclos econômicos entre economias emergentes são agora mais influenciados por suas próprias dinâmicas específicas como consequência dos fortes vínculos de comércio e investimento entre elas. A última crise financeira global proporciona uma evidência de *decoupling*, na medida em que economias emergentes mostraram muito maior resistência à desaceleração global do que o mundo desenvolvido.

À luz de perspectivas de crescimento medíocre para as economias desenvolvidas, esperamos que a economia global continue se expandindo a ritmo abaixo da tendência de longo prazo ao longo dos próximos doze meses. Nos mercados emergentes, os formuladores de política econômica estão mudando seu foco da inflação para o crescimento e prevemos desempenho robusto para a estas economias no futuro próximo, minimizando as influências negativas advindas das economias avançadas.

O crescimento do PIB chinês tem sido mais moderado, se comparado à sua performance no período pré-2008, quando a expansão média atingia 12% ao ano, contra 10,3% entre 2009-2010, e 8,5% nos dois últimos trimestres deste ano.

Atualmente, as exportações líquidas são bem menos relevantes como fontes de aumento da demanda agregada do que em 2007/2008, quando eram responsáveis por 25/30% da expansão do PIB. O crescimento desde 2009 tem sido completamente impulsionado pela demanda doméstica. Como consequência, uma queda de exportações causada por uma possível recessão global tende a ter um impacto bem menor ao crescimento atual do que em 2008/2009.

Além disso, enquanto em 2008 o setor imobiliário se deparava com uma contração causada por um aperto creditício, agora o setor está crescendo com

⁴ “Strategies for fiscal consolidation in the post-crisis world”, FMI, 2010. De acordo com o FMI, o ajuste fiscal médio foi de 10,1% do PIB, com duração média de 7,3 anos.

controles de crédito mais focados em restringir investimentos em carteiras imobiliárias.

Uma preocupação maior dos investidores tem sido a possibilidade de uma forte desaceleração do setor imobiliário chinês, já que este é responsável por 25% do investimento em ativos fixos, um componente-chave do crescimento econômico, e responsável por metade do consumo de aço.

O início de novas construções imobiliárias cresceu 24% nos primeiros nove meses deste ano, o que dá suporte ao consumo de aço para os próximos doze meses. Por outro lado, a venda de imóveis e terras para construção tem diminuído.

Entretanto, o programa de moradias populares fornece um colchão contra a desaceleração no setor imobiliário privado. Do total de 10 milhões de unidades designadas para este ano, 98,6% foram iniciadas até setembro, e outras 10 milhões de unidades estão programadas para 2012.

A política fiscal provavelmente dará um suporte maior para crescimento, permitindo expansão de projetos de investimento em infra-estrutura, particularmente no interior e na região oeste do país, de acordo com as diretrizes do 12º Plano Quinquenal.

A inflação ao consumidor, que tem sido puxada por aumentos de preços de alimentos, irá provavelmente cair, dando espaço para as autoridades econômicas aliviarem a política monetária e os controles de crédito.

Os mercados de ações e de *commodities* têm precificado profunda desaceleração econômica global independente de seus fundamentos. Múltiplos de mercados de empresas de mineração alcançaram níveis similares aos baixos patamares da segunda metade de 2008, quando um grande choque financeiro global ocorreu. Neste ano, em contraste com 2008, quando o preço do níquel caiu ao mesmo tempo em que ocorreu um aumento de estoques, o preço do níquel já recuou 35,7% em relação a seu pico em fevereiro com queda simultânea dos estoques do pico até agora de 37%.

A demanda por níquel continua forte na região Ásia-Pacífico, especialmente na China, onde produtores de aço inoxidável decidiram por utilizar mais intensamente níquel primário às custas de menor consumo de *nickel pig iron*. Os preços de níquel têm se aproximado do nível de

custo dos produtores menos eficientes de *nickel pig iron*, um fator que tende a criar rigidez para baixo nos preços.

Enquanto a demanda por níquel na Europa continua fraca, nos Estados Unidos a demanda por níquel para aplicações fora do aço inoxidável permaneceu resistente ao cenário de baixo crescimento. Dentre as ligas de alto teor de níquel, o mercado de motores aeronáuticos permanece aquecido, bem como os setores de ligas para uso médico e ligas resistentes à corrosão. A demanda de setores de ligas de aço e de fundição também permanece vigorosa.

Os preços de cobre têm seguido um padrão similar. Em fevereiro deste ano, sofreram uma forte queda em relação ao pico de 30,4%, mesmo diante de um declínio em estoques. Entretanto, déficits no mercado de cobre devem persistir em razão de restrições estruturais à expansão de oferta, o aquecimento no mercado de sucata e o alto prêmio do mercado físico de Xangai – já sinalizando o reaparecimento de uma forte demanda na China depois de um período de desestocagem.

O mercado global de minério ferro tem permanecido aquecido.

A produção global de aço bruto aumentou 9,7% em setembro na comparação com setembro anterior, girando em torno de 1,48 bilhões de toneladas métricas em termos anualizados. A importação de minério de ferro pela China continua a se expandir, alcançando 60,6 milhões de toneladas métricas em setembro, 15,2% superior ao resultado do mesmo mês de 2010. Nos primeiros nove meses do ano, as importações chinesas totalizaram 508,7 milhões de toneladas, 11,1% maiores que as realizadas no mesmo período do ano passado.

Só recentemente os preços de minério de ferro se enfraqueceram, principalmente como resultado de dois fatores principais. Primeiro, o aumento sazonal na oferta do Brasil e Austrália e do fim da temporada de monções na Índia. Segundo, o efeito da política creditícia chinesa sobre *traders* – grandes participantes do mercado *spot* – que não podem mais usar estoques de minério de ferro como garantia de crédito bancário.

Com a queda recente, o preço do minério de ferro está alcançando níveis bem próximos aos custos de produtores marginais, começando a incentivar ajustes na produção. Além disso, a partir do final

do ano por motivos sazonais a produção de minério de ferro no Brasil, Austrália e China tende a se reduzir.

Como mencionado no início do ano passado, a Vale adota uma postura flexível com relação à precificação do minério de ferro, tendo a implementação do sistema trimestral de precificação obtido sucesso em escala global. Este sistema trouxe mais transparência, flexibilidade e eficiência para a precificação do minério de ferro, viabilizando simultaneamente previsibilidade para as siderúrgicas sobre os preços de uma matéria prima chave para sua indústria.

Tendo em vista o compromisso com seus clientes, a Vale está pronta para adaptar a precificação do minério de ferro às suas necessidades e características, dado que esta continue a refletir as condições de mercado e preserve os princípios do sistema atual de precificação trimestral.

Estimamos que os preços permaneçam elevados por um longo período de tempo, tendo em vista que o mercado global de minério de ferro deve continuar a apresentar fundamentos sólidos, originados do desenvolvimento econômico e de transformações estruturais de economias

emergentes, e as restrições ao crescimento de oferta permaneçam.

Dentre os impedimentos à uma rápida resposta da oferta de minério de ferro a incentivos de preços, destacamos a necessidade de investimentos significativos para repor a capacidade perdida – somando um mínimo estimado de 80 milhões de toneladas métricas por ano em base global – e a construção de infraestrutura logística custosa, juntamente com as dificuldades impostas por licenças ambientais, a crescente escassez de reservas de minério de ferro de alta qualidade e de mão-de-obra qualificada, bem como a oferta restrita de equipamentos e serviços de engenharia.

Como produtor de minério de ferro de custo mais baixo e com as maiores reservas provadas e prováveis de melhor qualidade, temos enfrentado várias restrições ao desenvolvimento de nosso *pipeline* de projetos, fator este que tem implicado em atrasos na entrega de projetos.

Além destes fatores, tem ocorrido aumento de custos operacionais, resultante de elevações de preços de insumos, exploração de depósitos de baixa qualidade e uma tendência global a aumentos de tributação da indústria de mineração após a crise financeira global de 2008.

RECEITA

A receita operacional totalizou R\$ 28,629 bilhões, sendo a maior da história da Vale. Representou um aumento de 11,8% em relação aos R\$ 25,614 bilhões do 2T11 e 8,5% superior ao 3T10.

Comparado ao 2T11, o aumento da receita reflete, principalmente, maiores volumes vendidos, que produziram efeito positivo de R\$ 2,396 bilhões, essencialmente devido às crescentes vendas de *bulk materials* e metais base, que adicionaram R\$ 1,346 bilhão e R\$ 788 milhões, respectivamente. A queda nos preços de metais base, influenciados por expectativas macroeconômicas negativas, diminuiu as receitas em R\$ 691 milhões, sendo parcialmente compensada por maiores preços de minério de ferro, R\$ 481 milhões. No geral os preços de venda contribuíram para uma redução de R\$ 198 milhões na receita.

As vendas de *bulk materials* – minério de ferro, pelotas, minério de manganês, ferro ligas, carvão metalúrgico e térmico – representaram 75,6% da receita operacional total no 3T11, em linha com os 75,1% do 2T11.

A participação de metais base na receita total diminuiu para 13,0% ante 13,9% no 2T11, fertilizantes foi de 5,9%, superior aos 5,4% do trimestre anterior. Serviços de logística contribuíram com 3,5%, em linha com o 2T11.

As vendas para a Ásia representaram 53,0% da receita total, maior que os 50,9% do 2T11. Isto é explicado principalmente pelo aumento da participação da China de 31,3% para 34,6%. A participação do Japão foi de 11,4%, em linha com o 2T11. A parcela das vendas para as Américas sofreu uma ligeira queda para 24,8%, ante 25,9%, assim como a Europa, cuja participação caiu de 19,7% para 18,8% no 3T11.

Considerando as vendas por país, a China foi a responsável pela maior parte de nossa receita no 3T11 com 34,6%, seguida pelo Brasil 16,7%, Japão 11,4%, Alemanha 6,5%, Coreia do Sul 3,9% e Estados Unidos 3,7%.

COMPOSIÇÃO DA RECEITA OPERACIONAL						
R\$ milhões	3T10	%	2T11	%	3T11	%
Bulk materials	20.229	76,7	19.248	75,1	21.635	75,6
Minerais ferrosos	19.850	75,3	18.841	73,6	21.159	73,9
Minério de ferro	15.000	56,9	14.278	55,7	16.345	57,1
Serviços de operação de usinas de pelotização	1	-	8	-	9	-
Pelotas	4.440	16,8	4.234	16,5	4.505	15,7
Manganês	118	0,4	83	0,3	73	0,3
Ferro ligas	280	1,1	238	0,9	227	0,8
Outros	11	-	-	-	-	-
Carvão	378	1,4	407	1,6	476	1,7
Carvão Térmico	196	0,7	220	0,9	206	0,7
Carvão Metalúrgico	182	0,7	187	0,7	270	0,9
Metais base	3.401	12,9	3.550	13,9	3.735	13,0
Níquel	1.556	5,9	2.330	9,1	2.353	8,2
Cobre	689	2,6	785	3,1	1.046	3,7
PGMs	17	0,1	254	1,0	135	0,5
Metais preciosos	18	0,1	144	0,6	164	0,6
Cobalto	7	-	38	0,1	37	0,1
Alumínio primário	378	1,4	-	-	-	-
Alumina	677	2,6	-	-	-	-
Bauxita	60	0,2	-	-	-	-
Fertilizantes	1.400	5,3	1.382	5,4	1.700	5,9
Potássio	151	0,6	108	0,4	131	0,5
Fosfatados	1.002	3,8	930	3,6	1.165	4,1
Nitrogenados	230	0,9	310	1,2	353	1,2
Outros	17	0,1	34	0,1	51	0,2

Serviços de logística	894	3,4	950	3,7	1.011	3,5
Ferrovias	712	2,7	757	3,0	773	2,7
Portos	182	0,7	193	0,8	238	0,8
Outros	452	1,7	484	1,9	548	1,9
Total	26.376	100,0	25.614	100,0	28.629	100,0

RECEITA OPERACIONAL POR DESTINO

<i>R\$ milhões</i>	3T10	%	2T11	%	3T11	%
América do Norte	1.182	4,5	1.422	5,6	1.590	5,6
EUA	633	2,4	986	3,8	1.046	3,7
Canadá	490	1,9	406	1,6	491	1,7
Outros	59	0,2	30	0,1	52	0,2
América do Sul	5.063	19,2	5.206	20,3	5.499	19,2
Brasil	4.566	17,3	4.606	18,0	4.795	16,7
Outros	497	1,9	599	2,3	704	2,5
Ásia	14.502	55,0	13.047	50,9	15.171	53,0
China	9.137	34,6	8.012	31,3	9.896	34,6
Japão	2.975	11,3	2.924	11,4	3.273	11,4
Coreia do Sul	1.130	4,3	997	3,9	1.130	3,9
Taiwan	565	2,1	544	2,1	412	1,4
Outros	696	2,6	570	2,2	460	1,6
Europa	4.517	17,1	5.050	19,7	5.373	18,8
Alemanha	1.598	6,1	1.619	6,3	1.873	6,5
França	351	1,3	434	1,7	357	1,2
Reino Unido	482	1,8	678	2,6	456	1,6
Itália	501	1,9	871	3,4	796	2,8
Turquia	206	0,8	159	0,6	278	1,0
Espanha	269	1,0	206	0,8	219	0,8
Holanda	211	0,8	311	1,2	300	1,0
Outros	899	3,4	771	3,0	1.093	3,8
Oriente Médio	655	2,5	545	2,1	598	2,1
Resto do mundo	456	1,7	346	1,3	398	1,4
Total	26.376	100,0	25.614	100,0	28.629	100,0

▼ CUSTOS

No 3T11, o custo de produtos vendidos (CPV) aumentou R\$ 1,046 bilhão em relação ao último trimestre, chegando a R\$ 10,443 bilhões. Em termos líquidos, se descontarmos o efeito do maior volume de vendas e da depreciação, que contribuíram com R\$ 445 milhões e R\$ 93 milhões, respectivamente, bem como a depreciação do câmbio⁵ que contribuiu com R\$ 21 milhões, preços mais elevados de insumos e serviços proporcionaram um aumento do CPV de R\$ 487 milhões.

Ao mesmo tempo em que não há dúvida que aumentos de custos se constituem em eventos negativos, o aumento no 3T11 foi relativamente pequeno diante de significativas pressões cíclicas de custos, o que reflete nosso compromisso com a maximização de eficiência.

O aumento de custos é explicado basicamente pelo crescimento da aquisição de produtos (R\$ 242 milhões), elevação dos valores pagos como *royalties* relacionados a minério de ferro e níquel (R\$ 86 milhões), das despesas com materiais (R\$ 50 milhões), e com consumo energia e gás (R\$ 52 milhões).

O custo com materiais – 19,3% do CPV – foi de R\$ 2,013 bilhões, um aumento de 9,8% contra o 2T11. Excluindo o efeito de volumes mais elevados de vendas (R\$ 132 milhões) e da variação cambial (redução no custo de R\$ 2 milhões), os custos com materiais aumentaram R\$ 50 milhões com relação ao 2T11, demonstrando a pressão inflacionária sobre preços de insumos, como a amônia utilizada nas nossas operações de fertilizantes.

O custo de serviços contratados somou R\$ 1,888 bilhão – 18,1% do CPV – contra R\$ 1,660 bilhão no 2T11. O aumento de R\$ 228 milhões foi principalmente causado por maiores volumes de vendas (R\$ 147 milhões) e preços mais elevados (R\$ 73 milhões).

Despesas com óleo combustível e gases aumentaram em 14,1% para R\$ 989 milhões, devido principalmente ao aumento sazonal da movimentação do material ROM (*run-of-mine*). Movimentamos 13% a mais de ROM no 3T11, acarretando em um consumo maior de óleo combustível.

Despesas com pessoal alcançaram R\$ 1,411 bilhão, representando 13,5% do CPV, contra R\$ 1,259 bilhão no 2T11. Os acordos coletivos dos nossos empregados no Brasil e no Canadá aumentaram os custos com pessoal em R\$ 79 milhões. Ainda, vale mencionar que na medida em que as operações da Vale estão se expandindo, o número de funcionários vêm crescendo, implicando em maiores gastos. O número de empregados atingiu 77.055 empregados em setembro de 2011, ante 74.076 em junho de 2011.

Em setembro de 2011, assinamos um acordo coletivo de dois anos com um grupo de 14 sindicatos no Brasil, que representam 61% do total de empregados. Sob os termos do acordo, houve um reajuste salarial de 8,6% em novembro de 2011, que será seguido por outro reajuste de 8% em novembro de 2012. O acordo coletivo também incluiu: (a) um bônus pela assinatura do acordo, o qual impactou o CPV em R\$ 27 milhões; e (b) um pagamento especial por permanência, que irá acumular linearmente em um período de 24 meses e aumentou despesas com pessoal em R\$ 37 milhões no 3T11. Também em setembro, acertamos um novo acordo coletivo de três anos com nossos empregados de Thompson, o que resultou em um pagamento único de bônus de R\$ 14 milhões.

No 3T11, os gastos com consumo de energia representaram 13,3% do CPV. Eles totalizaram R\$ 1,392 bilhão, um aumento de 12,5% quando comparado com o trimestre anterior. Os custos com o consumo de eletricidade de R\$ 403 milhões aumentaram 8,9% sobre o 2T11, devido a maiores preços e vendas.

O custo de aquisição de produtos de terceiros foi de R\$ 863 milhões – 8,3% do CPV – contra R\$ 695 milhões no 2T11.

⁵ A composição do CPV por moeda no 3T11 foi: 59% em reais, 19% em dólares americanos, 15% em dólares canadenses, 2% em dólares australianos, 1% em rúpia indonésia e 4% em outras moedas.

A compra de minério de ferro e pelotas somou R\$ 407 milhões, contra R\$ 317 milhões no trimestre anterior. O volume de minério de ferro comprado de pequenas mineradoras somou 2,4 Mt no 3T11 contra 2,2 Mt no 2T11.

Despesas com a compra de produtos de metais base subiu para R\$ 320 milhões a partir de R\$ 285 milhões no 2T11, impactada pelo maior volume comprado de minério de cobre, que somou 11.300 t versus 4.200 t no 2T11, o que foi parcialmente compensado por menores compras de níquel, totalizando 4.000 t, contra 5.400 t no 2T11.

Custos com serviços compartilhados aumentaram R\$ 9 milhões e chegaram a R\$ 179 milhões no 3T11, continuando a ser influenciado pela locação de novos equipamentos de TI.

Depreciação e amortização – 14,4% do CPV – somaram R\$ 1,500 bilhão, contra os R\$ 1,407 bilhão no 2T11.

Outros custos operacionais alcançaram R\$ 1,197 bilhão, contra R\$ 1,136 bilhão no 2T11. O aumento R\$ 61 milhões foi influenciado, principalmente, pelos royalties mais elevados pagos pela mineração de níquel em Voisey's Bay (R\$ 56 milhões) e minério de ferro no Brasil (R\$ 30 milhões).

Despesas com vendas, gerais e administrativas (SG&A) totalizaram R\$ 1,137 bilhão no 3T11, R\$ 393 milhões acima do 2T11. As maiores despesas com SG&A foram, principalmente, explicadas pelo aumento nas despesas com vendas (R\$ 194 milhões), refletindo os ajustes para os preços do níquel e do cobre durante 3T11 (R\$ 113 milhões), e as despesas administrativas (R\$ 199 milhões), impulsionadas por serviços terceirizados (R\$ 78 milhões) e de pessoal (R\$ 34 milhões).

Pesquisa e desenvolvimento (P&D), que refletem investimentos na criação de oportunidades de crescimento de longo prazo, totalizaram R\$ 728 milhões, R\$ 142 milhões acima do 2T11⁶.

Outras despesas operacionais atingiram R\$ 1,257 bilhão, contra R\$ 1,172 bilhão no 2T11. O aumento de R\$ 85 milhões foi determinado principalmente pelo aumento de despesas com royalties relacionadas à Samarco.

COMPOSIÇÃO DO CPV						
R\$ milhões	3T10	%	2T11	%	3T11	%
Serviços contratados	1.219	13,5	1.660	17,7	1.888	18,1
Transportes	277	3,1	393	4,2	472	4,5
Manutenção	346	3,8	329	3,5	354	3,4
Serviços operacionais	341	3,8	377	4,0	511	4,9
Outros	255	2,8	561	6,0	551	5,3
Material	1.592	17,7	1.833	19,5	2.013	19,3
Peças sobressalentes e equipamentos de manutenção	611	6,8	613	6,5	608	5,8
Insumos	646	7,2	803	8,5	1.004	9,6
Pneus e correias transportadoras	65	0,7	97	1,0	94	0,9
Outros	270	3,0	320	3,4	307	2,9
Energia	1.621	18,0	1.237	13,2	1.392	13,3
Óleo combustível e gases	1.033	11,5	867	9,2	989	9,5
Energia elétrica	589	6,5	370	3,9	403	3,9
Aquisição de produtos	465	5,2	695	7,4	863	8,3
Pessoal	971	10,8	1.259	13,4	1.411	13,5
Depreciação e exaustão	1.080	12,0	1.407	15,0	1.500	14,4
Outros	2.056	22,8	1.306	13,9	1.376	13,2
Total	9.004	100,0	9.397	100,0	10.443	100,0

⁶ O valor das despesas com pesquisa e desenvolvimento é contábil pelo critério BRGAAP. Na seção Investimento neste *press release*, apresentamos o valor de US\$ 387 milhões para investimentos em pesquisa e desenvolvimento, registrados de acordo com o efetivo desembolso financeiro.

✓ LUCRO OPERACIONAL

O lucro operacional, medido pelo EBIT, alcançou R\$ 14,444 bilhões no 3T11, apresentando um aumento de 9,7% com relação aos R\$ 13,165 bilhões no 2T11.

O aumento de R\$ 1,279 bilhão em relação ao 2T11 foi explicado principalmente pelos maiores volumes, R\$ 1,951 bilhão, parcialmente compensado por menores preços (R\$ 198 milhões), acréscimos no CPV (R\$ 580 milhões), bem como por despesas operacionais mais altas (R\$ 620 milhões). A variação do câmbio contribuiu para um aumento de R\$ 796 milhões em relação ao trimestre anterior

A margem EBIT no 3T11 foi de 51,6%, em linha com os 52,5% no 2T11, no entanto menor que os 56,9% do 3T10.

✓ LUCRO LÍQUIDO

No 3T11, o lucro líquido foi de R\$ 7,893 bilhões, equivalente a R\$ 1,49 por ação.

A depreciação do real frente ao dólar americano foi a principal razão para a queda do lucro líquido em relação ao 2T11, quando atingiu R\$ 10,275 bilhões⁷. Enquanto o lucro operacional foi de R\$ 14,444 bilhões, o resultado financeiro líquido, que inclui o efeito de derivativos e variações monetárias e cambiais além das despesas financeiras líquidas, abateu o lucro antes do imposto de renda em R\$ 6,129 bilhões.

Nos primeiros nove meses de 2011 (9M11), o lucro líquido totalizou R\$ 29,459 bilhões, 46.8% acima dos R\$ 20.068 bilhões no mesmo período de 2010.

As despesas financeiras líquidas totalizaram R\$ 1,084 bilhão, contra R\$ 498 milhões no 2T11. A receita financeira foi de R\$ 315 milhões, abaixo dos R\$ 357 milhões no último trimestre. As despesas financeiras aumentaram de R\$ 855 milhões no 2T11 para R\$ 1,399 bilhão no 3T11, explicado em parte pela marcação a mercado das debêntures participativas, que implicou em efeito negativo não-caixa de R\$ 154 milhões.

No 3T11, o efeito líquido da marcação a mercado das transações com derivativos no lucro líquido foi negativo em R\$ 974 milhões, contra um efeito positivo de R\$ 575 milhões no 2T11. Estas transações produziram impacto positivo no fluxo de caixa de R\$ 120 milhões.

O resultado líquido dos *swaps* de moedas e taxas de juros, estruturados principalmente para converter nossa dívida em reais para dólar americano para proteger nosso fluxo de caixa da volatilidade cambial, produziu efeito não-caixa negativo de R\$ 1,014 bilhão no 3T11, mas gerou efeito caixa positivo de R\$ 65 milhões.

Nossas posições com derivativos de níquel produziram efeito não-caixa positivo de R\$ 39 milhões no lucro líquido do 3T11, e efeito caixa positivo de R\$ 33 milhões.

As transações de derivativos relacionadas ao *bunker oil*, combustível utilizado em navios, estruturados para minimizar a volatilidade do custo de frete marítimo, geraram efeito caixa positivo no nosso fluxo de caixa de R\$ 22 milhões.

Como consequência da forte depreciação do real em relação ao dólar americano, a variação monetária e cambial líquida causou um impacto negativo em nosso lucro líquido de R\$ 4,071 bilhões no 3T11, contra um efeito positivo de R\$ 848 milhões no trimestre anterior.

O resultado da equivalência patrimonial foi de R\$ 28 milhões, contra R\$ 81 milhões no 2T11.

⁷ Para informações mais detalhadas sobre o efeito da taxa de câmbio em nossos resultados, verificar *box Efeitos da Volatilidade do Câmbio no Desempenho Financeiro da Vale*.

✓ EFEITOS DA VOLATILIDADE DO CÂMBIO NO DESEMPENHO FINANCEIRO DA VALE

Como consequência da alta volatilidade dos preços dos ativos financeiros, o real sofreu significativa depreciação contra o dólar americano no 3T11. A cotação do dólar americano subiu de R\$ 1,5611 em 30 de junho de 2011 para R\$ 1,8544 em 30 de setembro de 2011. Se considerarmos apenas a média trimestral da taxa de câmbio, a desvalorização do real foi bem mais moderada: R\$ 1,6357 no 3T11 contra R\$ 1,5962 no trimestre anterior.

A depreciação do real (BRL) frente ao dólar americano (USD) gera vários efeitos distintos sobre nosso desempenho contábil e financeiro: efeitos estoque e fluxo, efeitos caixa e não-caixa.

A desvalorização do BRL produz um efeito contábil não-caixa no lucro antes do imposto de renda, decorrente de ajustes no passivo financeiro líquido – dívida denominada em USD menos caixa e contas a receber também em USD. Esse impacto é registrado nas demonstrações financeiras como “variações monetárias e cambiais” e totalizou R\$ 4,071 bilhões no 3T11, reduzindo, conseqüentemente, o lucro antes do imposto de renda pelo mesmo valor.

Além do efeito contábil decorrente de ajustes no balanço, existem dois efeitos fluxo, o primeiro referente ao impacto nos derivativos usados para minimizar a volatilidade de nosso fluxo de caixa em USD, com o segundo se constituindo no efeito sobre próprio fluxo de caixa.

Conforme descrito na *box Política de gestão de risco*⁸, publicada no dia 23 de outubro de 2008 em nosso release de resultados do 3T08, “**Alcançando novos records**”, nós usamos swaps de moedas e taxas de juros, estruturados principalmente para converter nossa dívida em BRL para USD. Em 30 de setembro de 2011, o valor de nossa dívida denominada em BRL convertida em USD era de US\$ 6,139 bilhões, com um custo médio de 4,68% por ano, após o swap.

No 3T11, a marcação a mercado do valor justo dos swaps cambiais de BRL para USD causou perda não caixa de R\$ 1,214 bilhão, o que reduziu nosso lucro antes do imposto de renda, mas sem nenhum efeito no fluxo de caixa ou mesmo no EBITDA. Nas datas de vencimento do swap, tudo o mais constante, o desembolso financeiro em BRL para o pagamento de juros e o principal da dívida é plenamente compensado pela liquidação financeira do swap. Conseqüentemente, o efeito da taxa de câmbio através dos derivativos é neutro no fluxo de caixa.

O segundo efeito da depreciação do BRL afeta tanto o lucro antes do imposto de renda, quanto o fluxo de caixa operacional, o EBIT e o EBITDA. A não ser que haja uma reversão na variação da taxa de câmbio, em que a depreciação do 3T11 fosse hipoteticamente compensada por uma apreciação do real pelo menos na mesma magnitude, esse efeito seguirá gerando impacto positivo no lucro antes do imposto de renda, fluxo de caixa operacional, EBIT e EBITDA nos trimestres seguintes.

Este efeito resulta da assimetria entre a composição por moeda de nossa receita e custos dos produtos vendidos. Enquanto quase a totalidade da receita é denominada em USD, 59% do custo dos produtos vendidos foram denominados em BRL.

Embora este impacto tenha gerado um efeito positivo líquido no lucro antes do imposto de renda, no fluxo de caixa operacional, no EBIT e EBITDA, foi pequena quando comparado ao efeito não caixa derivado do ajuste contábil (R\$ 4,071 bilhões) e dos derivativos (R\$ 1,214 bilhão). Isso ocorre pelo fato da depreciação da cotação média do real frente ao USD, relevante para variáveis de fluxo, ter sido inferior (2,4%) a utilizada para variáveis de estoque (15,8%), uma vez que a desvalorização do BRL ocorreu durante setembro, o último mês do trimestre.

O efeito do fluxo receita/custos é um efeito caixa e tende a continuar a produzir resultados positivos no fluxo de caixa operacional, EBIT, EBITDA e lucro antes do imposto de renda no futuro. Já os derivativos têm impacto caixa neutro e os ajustes contábeis geram apenas efeitos não caixa. De modo que a depreciação do BRL gera efeitos positivos no fluxo de caixa. Este é a efetiva fonte de criação de valor para os acionistas e não o lucro contábil.

⁸ Veja <http://www.vale.com/pt-br/investidores/press-releases/paginas/default.aspx>

✓ GERAÇÃO DE CAIXA

No 3T11, a geração de caixa, medida pelo EBITDA, foi a maior da história da Vale, alcançando R\$ 16,110 bilhões, sendo 1,2% superior ao recorde anterior de R\$ 15,923 bilhões atingido no 3T10. Nos últimos doze meses, findos em 30 de setembro de 2011, o EBITDA totalizou R\$ 61,066 bilhões, também um recorde na história da Vale.

A participação do segmento de *bulk materials* aumentou para 96,5% ante 94,5% no 2T11, enquanto que a participação do segmento de metais base diminuiu de 8,1% para 6,4%, devido a menores preços de venda de cobre e níquel. A participação de fertilizantes foi de 2,4%, enquanto que o segmento de logística representou 1,4%. Outros segmentos e as despesas com P&D reduziram o EBITDA em 6,7%.

EBITDA			
R\$ milhões	3T10	2T11	3T11
Receita operacional líquida	25.678	25.064	28.009
CPV	(9.004)	(9.397)	(10.443)
Despesas com vendas, gerais e administrativas	(780)	(744)	(1.139)
Pesquisa e desenvolvimento	(387)	(586)	(728)
Outras despesas operacionais	(892)	(1.172)	(1.255)
EBIT	14.615	13.165	14.444
Depreciação, amortização e exaustão	1.231	1.553	1.666
Dividendos recebidos	76	84	-
EBITDA	15.923	14.802	16.110

✓ INVESTIMENTOS

• A melhoria na alocação do capital

Na busca da melhoria contínua da alocação de capital temos desenvolvido várias iniciativas com vistas ao aprimoramento do desenvolvimento de projetos no sentido de viabilizar a maximização de seus retornos para os acionistas, compreendendo desde o licenciamento ambiental até a transição para a fase operacional.

Para agilizar a obtenção de licenças ambientais, que tem se constituído no principal fator de risco de atraso no desenvolvimento de projetos, estão em andamento diversas ações. Entre estas, cabe destacar o investimento em treinamento, a elaboração de um Guia de Boas Práticas de Licenciamento Ambiental e Meio Ambiente, o qual busca a interface entre as fases de implantação de projetos e licenciamento ambiental, a constituição de equipes de especialistas de alto nível, o maior envolvimento das áreas operacionais, o aumento da interação com os órgãos de proteção ambiental e a criação de um Comitê Executivo de Licenciamento Ambiental, que delibera sobre ações que contribuam para a agilização dos processos de licenciamento.

Ao lado dessas iniciativas, passamos a adotar a obrigatoriedade da realização de rigorosa análise de riscos de desvios dos custos e prazos em relação ao planejamento, com revisões periódicas que permitam a atuação preventiva, implantação de processo para facilitar a transição suave do projeto para operação, a utilização de engenharia de valor, a intensificação do treinamento em procedimentos e práticas de gestão de projetos e o compartilhamento do conhecimento e das lições aprendidas com a execução dos projetos.

- **Crescimento orgânico**

No 3T11, investimentos, excluindo aquisições, totalizaram US\$ 4,529 bilhões, dos quais US\$ 3,113 bilhões foram gastos com a execução de projetos, US\$ 387 milhões em pesquisa e desenvolvimento (P&D), e US\$ 1,029 bilhão na manutenção das operações existentes.

Capex - excluindo aquisições - nos primeiros nove meses do ano somou US\$ 11,308 bilhões, um aumento significativo de 49% sobre os US\$ 7,614 bilhões investidos no mesmo período de 2010, porém ainda muito abaixo do orçamento, devido aos atrasos em licenciamento ambiental e aquecimento do mercado de trabalho, oferta de equipamentos e serviços de engenharia.

Nossos investimentos continuam refletindo o foco em crescimento orgânico como nossa prioridade estratégica. Do total investido nos nove primeiros meses de 2011, 77% foram alocados para financiar o crescimento, envolvendo execução de projetos e P&D.

Investimentos em P&D, no 3T11, compreenderam US\$ 110 milhões em exploração mineral, US\$ 32 milhões na exploração de gás natural, US\$ 211 milhões em estudos conceituais, de pré-viabilidade e de viabilidade de projetos e US\$ 35 milhões para desenvolver novos processos e inovações tecnológicas.

Investimentos de US\$ 1,659 bilhão foram realizados no segmento de bulk materials, US\$ 1,062 bilhão em metais base, US\$ 1,131 bilhão em logística, US\$ 307 milhões em fertilizantes, US\$ 191 milhões em geração de energia, US\$ 54 milhões em projetos siderúrgicos e US\$ 126 milhões em atividades corporativas e outros segmentos de negócios.

O início da produção da mina de cobre do Salobo, em Carajás, foi reprogramado para o segundo trimestre de 2012. Atrasos na engenharia do projeto, que levaram à substituição dos empreiteiros anteriores, foram o determinante para o reagendamento.

- **Projetos iniciados no 3T11**

Moatize I, a primeira fase do projeto de carvão de Moatize, na província de Tete, Moçambique, iniciou a produção no 3T11. Moatize é um ativo de classe mundial, com reservas de vida longa, mineração a céu aberto e de baixo custo operacional. A operação possui capacidade nominal de produção de 11 Mtpa, compreendendo 8,5 Mtpa de carvão metalúrgico e 2,5 Mtpa de carvão térmico. O principal produto a ser vendido é o Chipanga prime hard coking coal (HCC). Ao mesmo tempo, estamos realizando estudos para o lançamento também de um produto com as características de um HCC regular.

Moatize é o nosso primeiro projeto de carvão *greenfield* e o primeiro projeto concluído pela Vale no continente africano. No 3T11, o Conselho de Administração aprovou o aumento do CAPEX para US\$ 1,882 bilhão, para finalizar o projeto, dos quais executamos US\$ 1,637 bilhão até setembro 2011.

No 3T11, a Vale iniciou a operar as duas turbinas da usina hidrelétrica de Karebbe, em Sorowako, na Indonésia. A operação de Karebbe suportará nossos planos de expansão da produção no país e ao mesmo tempo, terá um papel importante nos esforços para reduzir os custos de produção de nossas operações de níquel na Indonésia. O capex de Karebbe aprovado pelo Conselho de Administração totalizou US\$ 410 milhões, dos quais executamos US\$ 377 milhões.

- **Projetos recentemente aprovados pelo Conselho de Administração**

Desde a publicação dos nossos resultados do 2T11, a expansão de Moatize e o projeto do Corredor de Nacala foram aprovados por nosso Conselho de Administração depois de chegarem a um estágio mais avançado de desenvolvimento.

Moatize II vai nos permitir alavancar nossos ricos recursos de carvão em Moçambique. O projeto de mina a céu aberto irá adicionar 11 Mtpa de capacidade nominal de produção para as nossas operações, que terá um total de 22 Mtpa, duplicando a CHPP (planta de lavagem de carvão) e expandindo a infra-estrutura. A

composição da produção de Moatize II está estimada em 70% de HCC e 30% de carvão térmico. O capex aprovado pelo Conselho é de US\$ 2,07 bilhões e o início das operações está previsto para o segundo semestre de 2014.

Dado que a operação de carvão é intensiva em logística, estamos investindo no Corredor de Nacala, que engloba a construção/renovação da ferrovia e a construção de um terminal marítimo, com uma capacidade nominal estimada de 18 Mtpa de carvão, com potencial de alcançar uma expansão futura de até 30 Mtpa. O início do projeto está previsto para o segundo semestre de 2014 e os investimentos aprovados pelo Conselho de Administração somam US\$ 4,444 bilhões, sendo US\$ 3,435 bilhões para a ferrovia e US\$ 1,009 bilhão para o terminal marítimo.

A ferrovia de Nacala com 912 km de comprimento envolve a recuperação de 682 quilômetros de estradas de ferro existentes no Malauí e Moçambique, a construção de 230 quilômetros, composta por uma extensão de 201 quilômetros ligando Moatize à Nkaya, no Malauí, e 29,3 quilômetros ligando a estrada de ferro existente ao novo terminal marítimo de carvão a ser construído na costa de Moçambique. O terminal marítimo de carvão de Nacala, localizado em Nacala-à-Velha, Moçambique, é um dos melhores portos da África oriental e será capaz de receber navios do tipo Handymax, Panamax e Capesize

Alinhada com a decisão de investir no Corredor de Nacala e de acordo com a compra inicial de 51% da participação da Sociedade de Desenvolvimento do Corredor do Norte SA (SDCN) em setembro de 2010, adquirimos uma participação adicional de 16% de US\$ 8 milhões, atingindo 67% de participação na empresa que controla cada uma das estradas de ferro existentes em Moçambique (CDN) e Malauí (CEAR).

Também no 3T11, a Vale desembolsou US\$70,1 milhões pela participação de 9% na Norte Energia S.A. (NESA), uma sociedade que tem como objetivo exclusivo a implantação, operação e exploração da usina hidrelétrica de Belo Monte no Pará, conforme divulgado previamente.

INVESTIMENTO REALIZADO POR CATEGORIA

US\$ milhões	3T10	%	2T11	%	3T11	%
Crescimento orgânico	2.248	73,0	3.075	76,2	3.500	77,3
Projetos	1.902	61,7	2.656	65,8	3.113	68,7
P&D	346	11,2	419	10,4	387	8,6
Sustentação das operações existentes	833	27,0	960	23,8	1.029	22,7
Total	3.081	100,0	4.036	100,0	4.529	100,0

INVESTIMENTO REALIZADO POR ÁREA DE NEGÓCIO

US\$ milhões	3T10	%	2T11	%	3T11	%
Bulk materials	1.165	37,8	1.553	38,5	1.659	36,6
Minerais ferrosos	948	30,8	1.253	31,1	1.318	29,1
Carvão	217	7,0	300	7,4	341	7,5
Metais não ferrosos	702	22,8	1.078	26,7	1.062	23,4
Fertilizantes	204	6,6	293	7,3	307	6,8
Logística	604	19,6	842	20,9	1.131	25,0
Energia	209	6,8	105	2,6	191	4,2
Aço	28	0,9	43	1,1	54	1,2
Outros	170	5,5	122	3,0	126	2,8
Total	3.081	100,0	4.036	100,0	4.529	100,0

✓ INDICADORES DE ENDIVIDAMENTO

A dívida total chegou a US\$ 22,989 bilhões em 30 de setembro de 2011, com prazo médio de 10,1 anos e custo médio de 4,68% ao ano. A dívida líquida subiu de US\$ 11,232 bilhões para US\$ 15,424 bilhões no 3T11, principalmente devido à queda na posição caixa para US\$ 7,565 bilhões em 30 de setembro de 2011 de US\$ 13,227 bilhões em 30 de junho de 2011.

A alavancagem, medida pela relação dívida total/LTM EBITDA ajustado foi de 0,63x em 30 de setembro de 2011, um pouco abaixo de 0,68x em 30 de junho de 2011, o que demonstra redução significativa a partir de 1,3x em 30 de setembro de 2010. A relação dívida total/*enterprise value* foi de 17,2% em 30 de setembro de 2011, *versus* 13,9% em 30 de junho de 2011.

O índice de cobertura de juros, medido pelo indicador LTM EBITDA ajustado/LTM pagamento de juros, aumentou para 29,2x ante 28,4x em 30 de junho de 2011 e 18,1x em 30 de setembro de 2010.

Consideradas as posições de *hedge*, 24% da dívida total em 30 de setembro de 2011 estava atrelada a taxas de juros flutuantes e 76% a taxas fixas, enquanto 97% estava denominada em dólares americanos e o restante em outras moedas.

Em 30 de junho de 2011, o Conselho de Administração aprovou um programa de recompra de ações de até US\$ 3,0 bilhões a ser executado até 25 de novembro de 2011. Até 30 de setembro de 2011, adquirimos 25.988.880 ações ordinárias, ao preço médio de US\$ 26,87 por ação, e 53.105.900 ações preferenciais, ao preço médio de US\$ 24,52 por ação, totalizando US\$ 2,0 bilhões e corresponde a 66,68% do total aprovado.

INDICADORES DE ENDIVIDAMENTO			
US\$ milhões	3T10	2T11	3T11
Dívida bruta	25.267	24.459	22.989
Dívida líquida	15.544	11.232	15.424
Dívida bruta / LTM EBITDA ajustado(x)	1,3	0,7	0,6
LTM EBITDA ajustado/ LTM pagamento de juros (x)	18,1	28,4	29,2
Dívida bruta / EV (%)	14,4	13,9	17,2

✓ O DESEMPENHO DOS SEGMENTOS DE NEGÓCIOS

▪ Bulk materials

• Minerais ferrosos

O volume vendido de minério de ferro e pelotas atingiu 79,015 milhões de toneladas métricas (Mt), 7,5% maior que no 2T11. Os embarques de minério de ferro foram de 65,699 Mt, 8,3% superior ao 2T11, enquanto que as vendas de pelotas totalizaram 13,316 Mt, em linha com 12,861 Mt no trimestre anterior.

Apesar do aumento, as vendas foram menores do que a produção recorde de 85,032 Mt no 3T11. A diferença entre produção e vendas foi devido a três fatores principais: (a) a necessidade de reconstituir os estoques operacionais necessários para a manutenção de eficiência na distribuição; (b) o acúmulo de estoques demandado pelo *ramp-up* das operações de pelotas e o *start-up* do centro de distribuição de Omã; (c) a diminuição da demanda por minério de ferro no Brasil, o que levou a um aumento transitório nos estoques, enquanto os produtos são realocados para outros mercados.

No 3T11, a primeira de nossas duas usinas de pelotização no complexo industrial de Sohar, Omã chegou a plena capacidade em 4,5 Mt por ano. A segunda usina de pelotização está prevista para iniciar o processo de *ramp-up* no 4T11.

A participação da China nas vendas de minério de ferro e pelotas aumentou para 45,0% no 3T11. Mesmo crescendo em termos absolutos, a participação das vendas para a Europa demonstrou um leve decréscimo de 20,6% para 20,1%, enquanto que as vendas para o Japão cresceram de 11,2% para 11,5% no 3T11.

É importante ressaltar que as receitas reportadas para o minério de ferro e pelotas são líquidas dos custos de frete marítimo, com isso os preços de venda cost and freight (CFR) são comparáveis com a média dos preços FOB. No 3T11, a Vale vendeu 22,4 Mt de minério de ferro e pelotas na base CFR, contra 17,4 Mt no 2T11.

O volume vendido de manganês no 3T11 alcançou 356.000 toneladas métricas, com um aumento de 27,1% com relação ao 2T11, o que foi parcialmente compensado pelo decréscimo no preço médio realizado.

As vendas de ferro ligas totalizaram 101.000 toneladas métricas, em linha com o 2T11, e geraram uma receita de R\$ 227 milhões, contra R\$ 238 milhões no 2T11.

As vendas dos produtos de minerais ferrosos – minério de ferro, pelotas, manganês e ferro ligas – totalizaram uma receita de R\$ 21,159 bilhões no 3T11, aumentando 12,3% em relação aos R\$ 18,841 bilhões no 2T11.

A margem EBIT para o segmento de minerais ferrosos foi 70,4% no 3T11, em linha aos 71,4% do 2T11.

O EBITDA para o segmento de minerais ferrosos totalizou R\$ 15,561 bilhões no 3T11, com um acréscimo de 11,5% em relação ao 2T11. O aumento de R\$ 1,607 bilhão foi principalmente devido ao impacto do maior volume vendido e maiores preços realizados.

BULK MATERIALS: DESEMPENHO DO SEGMENTO DE MINERAIS FERROSOS						
VOLUME VENDIDO						
<i>mil toneladas</i>	3T10		2T11		3T11	
Mínério de ferro	65.385		60.642		65.699	
Pelotas	13.163		12.861		13.316	
Total	78.548		73.503		79.015	
Manganês	233		280		356	
Ferro ligas	90		101		101	
VENDAS DE MINÉRIO DE FERRO E PELOTAS POR DESTINO						
<i>milhões de toneladas</i>	3T10	%	2T11	%	3T11	%
Ásia	52,3	66,6	45,0	61,2	49,4	62,5
China	37,0	47,1	30,6	41,7	35,6	45,0
Japão	8,3	10,6	8,3	11,2	9,1	11,5
Coréia do Sul	3,8	4,8	3,9	5,3	3,6	4,6
Asia Emergente (ex China)	3,2	4,0	2,1	2,9	1,1	1,4
Europa	14,1	18,0	15,2	20,6	15,9	20,1
Alemanha	5,8	7,4	5,5	7,5	6,2	7,9
Reino Unido	1,7	2,2	1,0	1,4	1,1	1,3
França	1,3	1,6	1,8	2,5	1,5	1,9
Itália	1,9	2,4	3,0	4,1	2,9	3,6
Turquia	0,8	1,1	0,6	0,8	0,9	1,2
Espanha	1,0	1,2	0,8	1,1	0,7	0,9
Holanda	0,2	0,3	1,2	1,6	1,0	1,3
Outros	1,4	1,8	1,3	1,8	1,6	2,0
Brasil	7,5	9,6	9,1	12,3	8,7	11,0
EUA	0,2	0,3	-	-	0,3	0,4
Oriente Médio	1,5	1,9	1,5	2,0	1,5	1,8
Resto do Mundo	2,8	3,6	2,8	3,9	3,3	4,2
Total	78,5	100,0	73,5	100,0	79,0	100,0

RECEITA OPERACIONAL POR PRODUTO			
<i>R\$ milhões</i>	3T10	2T11	3T11
Minério de ferro	15.000	14.278	16.345
Serviços de operação de usinas de pelotização	1	8	9
Pelotas	4.440	4.234	4.505
Manganês	118	83	73
Ferro ligas	280	238	227
Outros	11	-	-
Total	19.850	18.841	21.159

INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS			
	3T10	2T11	3T11
Margem EBIT (%)	72,7	71,4	70,4
EBITDA (R\$ milhões)	14.853	13.954	15.561

- **Carvão**

A receita de vendas de carvão alcançou um valor recorde de R\$ 476 milhões no 3T11, um acréscimo de 17,0% sobre os R\$ 407 milhões no 2T11. A receita proveniente do embarque de carvão térmico foi de R\$ 206 milhões, enquanto que a receita de carvão metalúrgico foi de R\$ 270 milhões.

No 3T11, os embarques de carvão alcançaram 1,832 milhão de toneladas métricas, compreendidos por 1,263 milhão de toneladas métricas de carvão térmico – ante 1,454 milhão no 2T11 – e 569.000 toneladas métricas de carvão metalúrgico – ante 456.000 t no 2T11. Enquanto as vendas de carvão metalúrgico melhoraram, o desempenho no 3T11 ainda foi afetado pelas consequências das severas enchentes que atingiram no 4T10 o estado australiano de Queensland.

O EBITDA para o negócio de carvão foi negativo em R\$ 18 milhões, comparado à geração de caixa de R\$ 39 milhões no trimestre anterior. Ajustando para as despesas pré-operacionais de Moatize, R\$ 45 milhões, o EBITDA alcança R\$ 27 milhões. À medida que Moatize I comece a gerar receitas e as operações australianas se normalizem, esperamos que o negócio de carvão irá gerar um robusto fluxo de caixa.

BULK MATERIALS: DESEMPENHO DO SEGMENTO DE CARVÃO			
VOLUME VENDIDO			
<i>mil toneladas</i>	3T10	2T11	3T11
Carvão térmico	1.139	1.454	1.263
Carvão metalúrgico	565	456	569

RECEITA OPERACIONAL POR PRODUTO			
<i>R\$ milhões</i>	3T10	2T11	3T11
Carvão térmico	196	220	206
Carvão metalúrgico	182	187	270

INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS			
	3T10	2T11	3T11
Margem EBIT (%)	(3,9)	(23,1)	(26,1)
EBITDA (R\$ milhões)	130	39	(18)

- **Metais base**

A receita no 3T11 totalizou R\$ 3,735 bilhões, um pouco acima dos R\$ 3,550 bilhões no 2T11. A queda nos preços reduziu a receita em R\$ 691 milhões, enquanto que o aumento dos volumes embarcados adicionou R\$ 788 milhões.

A receita de níquel alcançou R\$ 2,353 bilhões no 3T11, em linha com o 2T11, R\$ 2,330 bilhões. A redução dos preços diminuiu a receita em R\$ 482 milhões, enquanto que alguma recuperação da produção após um período de manutenção e utilização de estoque acumulado aumentou as vendas em R\$ 450 milhões.

Os embarques de níquel aumentaram para 68.000 t a partir de 57.000 t no 2T11.

A receita de cobre totalizou R\$ 1,046 bilhão no 3T11, crescendo 33,2% se comparado aos R\$ 785 milhões do 2T11. Os embarques alcançaram 80.000 t, 45,5% acima do 2T11, devido ao nível recorde de produção nas nossas operações.

No 3T11, PGMs tiveram uma receita de R\$ 135 milhões, aproximadamente a metade do atingido no trimestre anterior, R\$ 254 milhões. A queda se deu principalmente pelo efeito continuado da paralisação do smelter de Copper Cliff no 2T11, o que afetou a nossa longa cadeia de produção e reduziu insumos para a nossa refinaria de PGM em Acton, no Reino Unido.

A margem EBIT de metais base caiu de 11,3% para 6,7% no 3T11. No entanto, a margem EBIT teria aumentado para 13,5% se os custos relacionados a VNC, Onça Puma e Salobo fossem desconsiderados. Estas operações estão em fase pré-operacional/*ramp-up* e, portanto, incorreram custos mas quase não geraram receita. O EBITDA no 3T11 totalizou R\$ 1,031 bilhão, 14,3% menor que no trimestre anterior. O decréscimo foi devido principalmente a menores preços e maiores custos, o que foi parcialmente compensado pelo maior volume de venda, e menores despesas de SG&A.

DESEMPENHO DO SEGMENTO DE METAIS BASE			
VOLUME VENDIDO			
<i>mil toneladas</i>	3T10	2T11	3T11
Cobre	55	55	80
Níquel	42	57	68
Cobalto	134	659	703
Metais preciosos (onça troy)	199	702	728
PGMs (onça troy)	11	136	70
Bauxita	1.260	-	-
Alumina	1.422	-	-
Alumínio	97	-	-
RECEITA OPERACIONAL POR PRODUTO			
<i>R\$ milhões</i>	3T10	2T11	3T11
Níquel	1.556	2.330	2.353
Cobre	689	785	1.046
PGMs	17	254	135
Metais preciosos	18	144	164
Cobalto	7	38	37
Alumínio	378	-	-
Alumina	677	-	-
Bauxita	60	-	-
Total	3.401	3.550	3.735
INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS			
	3T10	2T11	3T11
Margem EBIT (%)	12,3	11,3	6,7
EBITDA (R\$ milhões)	855	1.203	1.031

▪ Fertilizantes

No 3T11, a receita total de fertilizantes continuou a crescer, atingindo R\$ 1,700 bilhão, 23,0% acima dos R\$ 1,382 bilhão do trimestre anterior.

Ao contrário dos produtos de mineração, cujos preços são mais influenciados pelas condições de demanda, os preços dos fertilizantes estão mais orientados pela oferta. Como os preços dos alimentos, que tendem a ser fortemente afetados por condições climáticas, os agricultores são incentivados a expandir a área plantada e promover ganhos de produtividade, assim, utilizando mais fertilizantes. Depois de uma queda acentuada em 2009, a demanda global por fertilizantes expandiu, e mesmo com uma maior utilização da capacidade das operações existentes, o preço tem tendência ascendente.

A receita com as vendas de potássio totalizou R\$ 131 milhões no 3T11, 21,3% acima do 2T11. O volume de vendas atingiu 152.000 t no 3T11, 10,1% maior do que 138.000 t no trimestre anterior.

As vendas de produtos fosfatados alcançaram R\$ 1,165 bilhão no 3T11, com um aumento de 25,3% na comparação trimestral. O total de embarques do MAP foi de 245.000 t, TSP de 184.000 t, SSP de 774.000 t, DCP de 133.000 t, e rocha fosfática, 680.000 t.

As vendas de nitrogenados subiram para R\$ 353 milhões, 13,9% acima dos R\$ 310 milhões do trimestre anterior. As vendas de produtos relacionados somaram R\$ 51 milhões no 3T11.

A margem EBIT para o negócio de fertilizantes foi de 7,6% no 3T11, em linha com os 8,2% do 2T11.

O EBITDA para o negócio de fertilizantes cresceu para R\$ 385 milhões no 3T11, 14,2% superior ao trimestre anterior. O aumento de R\$ 48 milhões em comparação ao 2T11 foi devido, principalmente, ao maior volume vendido e pelos maiores preços de venda, o que foi parcialmente compensado por maiores custos e despesas de SG&A.

DESEMPENHO DO SEGMENTO DE FERTILIZANTES			
VOLUME VENDIDO			
<i>mil toneladas</i>	3T10	2T11	3T11
Potássio	217	138	152
MAP	351	133	245
TSP	277	179	184
SSP	771	724	774
DCP	133	145	133
Nitrogenados	335	341	335
RECEITA OPERACIONAL POR PRODUTO			
<i>R\$ milhões</i>	3T10	2T11	3T11
Potássio	151	108	131
Fosfatados	1.002	930	1.165
Nitrogenados	230	310	353
Outros	17	34	51
Total	1.400	1.382	1.700
INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS			
	3T10	2T11	3T11
Margem EBIT (%)	(2,0)	8,2	7,6
EBITDA (R\$ milhões)	95	337	385

▪ Serviços de logística

Os serviços de logística produziram receita de R\$ 1,011 bilhão no 3T11, aumentando de R\$ 950 milhões no trimestre anterior e R\$ 894 milhões no 3T10.

Receitas de transporte ferroviário de carga geral totalizaram R\$ 773 milhões, contra R\$ 757 milhões no 2T11, devido à continuação do período de safra agrícola no Brasil, que tem início no segundo trimestre e se estende até o terceiro trimestre.

As ferrovias da Vale – Carajás (EFC), Vitória a Minas (EFVM), Centro-Atlântica (FCA), e Norte-Sul (FNS) – bem como a participação proporcional em nossa coligada MRS, transportaram 7,268 bilhões de toneladas por quilômetro útil (tku) de carga geral para clientes no 3T11, aumentando 3,2% comparado ao 2T11, devido ao aumento do volume de produtos agrícolas transportados.

As principais cargas transportadas por nossas ferrovias no 2T11 foram produtos agrícolas (50,2%), insumos e produtos siderúrgicos (30,9%), materiais de construção e produtos florestais (11,4%), combustíveis (6,8%) e outros (0,7%).

A receita proveniente de serviços de operação portuária alcançou R\$ 238 milhões no 3T11. Nossos portos e terminais marítimos movimentaram 7,755 milhões de toneladas métricas de carga geral, um volume 16,7% maior que os 6,643 milhões no 2T11.

A frota de locomotivas da FCA continua temporariamente reduzida devido aos atrasos de fornecedores na entrega de novas locomotivas, o que ainda está impactando os volumes de transporte de carga ferroviária, uma vez que esses novos equipamentos irão substituir outros, que eram alugados e cujos contratos já expiraram.

No 3T11, a margem EBIT foi de 5,9%. Houve uma melhora nos volumes de serviços portuários e de transporte ferroviário devido à normalização das operações após o acidente em novembro de 2010 no terminal marítimo de Praia Mole, localizado no estado do Espírito Santo, Brasil.

O EBITDA do segmento de logística foi R\$ 224 milhões no 3T11, comparado aos R\$ 176 milhões no trimestre anterior. O aumento de volume transportado, redução de despesas de SG&A e efeito positivo da variação cambial foram parcialmente compensados pela queda de preços e ligeiro aumento de custos.

DESEMPENHO DO SEGMENTO DE LOGÍSTICA			
SERVIÇOS DE LOGÍSTICA			
	3T10	2T11	3T11
Ferrovias (milhões de tku)	7.689	7.043	7.268
Portos (mil toneladas)	7.003	6.643	7.755
RECEITA OPERACIONAL POR PRODUTO			
<i>R\$ milhões</i>	3T10	2T11	3T11
Ferrovias	712	757	773
Portos	182	193	238
Total	894	950	1.011
INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS			
	3T10	2T11	3T11
Margem EBIT (%)	21,8	0,5	5,9
EBITDA (R\$ milhões)	337	176	224

✓ INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS DAS PRINCIPAIS EMPRESAS NÃO CONSOLIDADAS

Indicadores financeiros selecionados das principais empresas não consolidadas estão disponíveis nas demonstrações contábeis trimestrais da Vale, no *website* da Companhia, www.vale.com/investidores/resultados e informações financeiras.

✔ TELECONFERÊNCIA / WEBCAST

No dia 27 de outubro de 2011, quinta-feira, será realizada uma conferência telefônica e *webcast* em português às 10:00 horas, horário do Rio de Janeiro, 8:00 horas de Nova Iorque, 13:00 horas de Londres, 14:00 horas de Paris e às 20:00 horas de Hong Kong, e uma outra *conference call and webcast* em inglês às 12:00 horas, horário do Rio de Janeiro, 10:00 horas de Nova Iorque, 15:00 horas de Londres, 16:00 horas de Paris e às 22:00 horas de Hong Kong,

Os telefones para conexão são:

Participantes do Brasil: (55 11) 4688-6341

Participantes dos EUA: (1-800) 860-2442

Participantes de outros países: (1-412) 858-4600

Código de acesso: VALE

A instrução para participação nesses eventos está disponível no *website* da Vale, www.vale.com/investidores. Uma gravação da teleconferência/ *webcast* estará disponível no *website* da Vale durante o período de 90 dias posteriores ao dia 27 de outubro de 2011.

▼ INFORMAÇÕES CONTÁBEIS

DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADO			
<i>R\$ milhões</i>	3T10	2T11	3T11
Receita operacional	26.376	25.614	28.629
Impostos	(698)	(550)	(620)
Receita operacional líquida	25.678	25.064	28.009
Custo dos produtos vendidos	(9.004)	(9.397)	(10.443)
Lucro bruto	16.674	15.667	17.566
Margem bruta (%)	64,9%	62,5%	62,7%
Receitas (Despesas) operacionais	(2.059)	(2.502)	(3.122)
Vendas	(134)	(87)	(282)
Administrativas	(646)	(657)	(857)
Pesquisa e desenvolvimento	(387)	(586)	(728)
Outras despesas operacionais, líquidas	(892)	(1.172)	(1.255)
Lucro operacional	14.615	13.165	14.444
Resultado de participações societárias	(56)	81	28
Resultado financeiro líquido	65	925	(6.129)
Lucro antes do Imposto de Renda e Contribuição Social	14.624	14.171	8.343
IR e contribuição Social	(3.970)	(3.991)	(493)
Resultado das operações descontinuadas	15	-	-
Participações minoritárias	(114)	95	43
Lucro líquido	10.554	10.275	7.893
Lucro por ação (R\$)	1,97	1,94	1,49

BALANÇO PATRIMONIAL - CONSOLIDADO		
<i>R\$ milhões</i>	31/12/2010	30/09/2011
Ativo		
Circulante	54.268	50.422
Realizável a longo prazo	8.088	11.012
Permanente	152.306	177.664
Total	214.662	239.097
Passivo		
Circulante	31.384	23.473
Exigível a longo prazo	66.951	69.937
Outros	4.209	4.626
Patrimônio líquido	112.118	141.060
Capital social	50.000	75.000
Reservas	70.214	66.498
Notas obrigatoriamente conversíveis em ADRs	1.441	1.326
Ajustes de avaliação patrimonial	(9.537)	(1.764)
Total	214.662	239.097

FLUXO DE CAIXA			
R\$ milhões	3T10	2T11	3T11
Fluxos de caixa provenientes das operações:			
Lucro líquido do período	10.668	10.180	7.850
Ajustes para reconciliar o lucro líquido do período com recursos provenientes das atividades operacionais:			
Resultado de participações societárias	56	(81)	(28)
Resultado das operações descontinuadas	(15)	-	-
Depreciação, exaustão e amortização	1.231	1.553	1.666
Imposto de renda e contribuição social diferidos	(754)	1.139	(1.497)
Despesas financeiras e variações monetárias e cambiais líquidas	1.344	(350)	3.495
Baixa na alienação de bens do imobilizado	418	74	65
Perdas líquidas não realizadas com derivativos	(687)	(369)	1.094
Outros	364	(197)	111
Contas a receber	(3.322)	(955)	(1.371)
Estoques	(768)	(181)	(538)
Tributos a Recuperar	321	(183)	(231)
Outros	(439)	(630)	(231)
Fornecedores e empreiteiros	1.274	548	1.314
Salários e encargos sociais	295	329	436
Tributos e Contribuições	2.035	(49)	(4.393)
Outros	466	(559)	(709)
Recursos líquidos provenientes das atividades operacionais	12.487	10.268	7.032
Aplicações financeiras	-	869	-
Empréstimos e adiantamentos	(141)	(53)	395
Garantias e depósitos	(184)	(269)	(280)
Adições em investimentos	(7)	-	(31)
Adições ao imobilizado	(6.842)	(5.888)	(5.830)
Dividendos/juros sobre capital próprio recebidos	76	84	-
Recursos provenientes da alienação de investimentos mantidos para venda	(1.740)	-	-
Recursos líquidos utilizados nas atividades de investimento	(8.838)	(5.257)	(5.746)
Empréstimos e financiamentos de curto prazo (captações líquidas)	35	52	(280)
Empréstimos e financiamentos de longo prazo	3.332	558	1.351
Instituições financeiras	(2.359)	(83)	(1.241)
Dividendos e juros sobre capital próprio pagos a acionistas	(0)	(3.174)	(4.855)
Dividendos e juros sobre capital próprio pagos a acionistas não controladores	-	(93)	-
Transações com acionistas não controladores	1.118	-	-
Ações em tesouraria	(585)	-	(3.320)
Recursos líquidos utilizados nas atividades de financiamento	1.540	(2.739)	(8.345)
Aumento (diminuição) de caixa e equivalentes	5.190	2.272	(7.058)
Caixa e equivalentes no início do período	11.847	19.139	21.323
Efeito de variações da taxa de câmbio no caixa e equivalentes	(87)	(87)	409
Caixa e equivalentes no final do período	16.949	21.323	14.674
Juros de curto prazo	(9)	(10)	(6)
Juros de longo prazo	(440)	(618)	(390)
Imposto de renda e contribuição social pagos	(1.312)	(1.933)	(6.496)
Adições ao imobilizado com capitalização de juros	(76)	(101)	(90)

Esse comunicado pode incluir declarações que apresentem expectativas da Vale sobre eventos ou resultados futuros. Todas as declarações quando baseadas em expectativas futuras, e não em fatos históricos, envolvem vários riscos e incertezas. A Vale não pode garantir que tais declarações venham a ser corretas. Tais riscos e incertezas incluem fatores relacionados a: (a) países onde temos operações, principalmente Brasil e Canadá, (b) economia global, (c) mercado de capitais, (d) negócio de minérios e metais e sua dependência à produção industrial global, que é cíclica por natureza, e (e) elevado grau de competição global nos mercados onde a Vale opera. Para obter informações adicionais sobre fatores que possam originar resultados diferentes daqueles estimados pela Vale, favor consultar os relatórios arquivados na Comissão de Valores Mobiliários – CVM, na Autorité des Marchés Financiers (AMF), na U.S. Securities and Exchange Commission – SEC e no Stock Exchange of Hong Kong Limited, e em particular os fatores discutidos nas seções “Estimativas e projeções” e “Fatores de risco” no Relatório Anual - Form 20F da Vale.